

LOURENÇO CASTANHO

O VALE DO GLICÉRIO E O CENTRO DA CIDADE
Um estudo sobre o desenvolvimento urbano-social do centro da cidade de São Paulo

BEATRIZ SILVA SANDRON
GABRIEL ENES BARROSO RUFINO

São Paulo
2020

BEATRIZ SILVA SANDRON
GABRIEL ENES BARROSO RUFINO

O VALE DO GLICÉRIO E O CENTRO DA CIDADE
Um estudo sobre o desenvolvimento urbano-social do centro da cidade de São
Paulo

Artigo científico produzido para a
conclusão de curso do 2º ano do ensino
médio, na escola Lourenço Castanho

Orientador: Ednilson Aparecido Quarenta

São Paulo
2020

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 METODOLOGIA.....	6
2.1 Glicério.....	6
3 A URBANIZAÇÃO DO AUTOMÓVEL	7
3.1 O Direito à cidade Industrialização e Urbanização	9
4 DISTOPIA URBANA.....	13
4.1 Construção do Glicério- O Rio	14
4.2 Construção do Glicério-O Viatudo	15
4.3 Encortiçamento	16
4.4 Lei do Inquilinato e o início do encortiçamento	17
4.5 Glicério: Uma nova cracolândia?	18
4.6 Documentário: Territórios do Planejamento.....	19
4.7 Reflexões sobre o Urbanismo.....	20
4.8 Exemplos de modelos diferentes de urbanismo- Rufino.....	21
4.9 Arborização no urbanismo	25
4.10 Diferenças de regiões de diferentes arborizações em São Paulo	27
4.11 A importância da integração urbana do centro de São Paulo com a cidade..	29
4.12 E atualmente existem saídas?.....	30
4.13 O que pode ser feito?	33
5 COMO O PLANEJAMENTO URBANO AFETA A QUALIDADE DE VIDA?.....	34
5.1 Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável	34
5.1.3 Objetivos de desenvolvimento sustentável	36
5.2 Indicadores sociais dos distritos da Liberdade, Consolação e Cidade Tiradentes.....	37
5.3 Qualidade de vida dentro do Glicério.....	40
6 CONCLUSÃO:.....	44

1 INTRODUÇÃO

Suponhamos que Alex, de 15 anos de idade, morador da periferia da zona leste da capital, esteja indo com seu avô para à zona oeste e passe por cima do viaduto do Glicério e questiona o senhor: “Vô! Que favela é essa ali embaixo, tão perto do centro?” complexado o avô responde “Aquilo ali não é favela não Alex, é a Baixada do Glicério!” Intrigado o jovem comenta “Cacete, eu sempre tinha ouvido falar dela mas nunca tinha visto, uma colega minha quase foi assaltada lá! e pensar que existia uma quebrada dessa dentro do centro da cidade!” o senhor retruca “É Alex, São paulo sempre tem dessas surpresas, pior mesmo é que todos comentam, mas poucos percebem que o Glicério está ali!”.

A Baixada, Vale ou Várzea do Glicério é o nome popular do bairro de mesmo nome, Glicério. É um espaço sufocado e conhecido do centro, porém invisível, os paulistanos que passam diariamente por lá relatam os mesmos receios de rotina, farol vermelho, carro parado, pedrada no vidro e um “nóia” com um revólver ou faca encostado na sua testa. Celular, GPS, bolsa, carteira, o próprio carro ou muitas vezes a sua vida, tudo é levado! Porém o bairro a não ser por isso, como sempre, esquecido!

Desta forma se situa a Baixada do Glicério há anos, se passam as décadas e ninguém se lembra; Já foi diferente aquele lugar? Um bairro nobre assim como o entorno? Um point boêmio de épocas melhores da capital? Por qual motivo tão pouco se é lembrado? Será que nunca foi diferente? Há como entender a degradação do Glicério como uma consequência de um pensamento maior no centro? E talvez até na cidade?

De fato temos dezenas de perguntas e não tanto a se conhecer e por este motivo que esta pesquisa tem como objetivo trabalhar o processo socioespacial da transformação urbana do centro da cidade de São Paulo, principalmente sob a perspectiva de formação do Vale do Glicério, que é como já citamos, uma das regiões mais degradadas da capital.

A cidade de São Paulo durante décadas possuiu um desenvolvimento apelidado por muitos como “caos ordenado” partindo de uma evolução de seu espaço urbano inegavelmente segregadora, em que o grande crescimento populacional decorrente do grande e rápido processo de industrialização somado ao enorme

volume de imigrantes de vários países, junto dos migrantes nordestinos em um passado mais recente, que contribuíram para o gigante e crescente adensamento da capital paulista, principalmente na região central, que junto de má administração pública e uma indiscutível má urbanização durante os anos 40 e 80 do século XX, que transformaram bairros e regiões inteiras em locais degradados ou fadados à degradação, como é o caso do Vale do Glicério.

Segundo Paul Vieille (1974, apud SANTOS, 1977, p.93) “o processo de criação do espaço e do modo de produção são inseparáveis. Este não pode ser compreendido se se faz abstração daquele” sendo impossível desenvolver um espaço desconsiderando quem o ocupará, sendo todas as transformações urbanas não somente espaciais ou sociais, mas sim socioespaciais.

Estas transformações urbanas mal planejadas em São Paulo fizeram o Vale do Glicério se tornar uma região mal vista e perigosa, não por culpa de sua população mas sim da segregação social que afeta o espaço que a população ocupa, fazendo o Glicério por conta deste mal planejamento se tornar periférico mesmo estando no centro da maior metrópole da América, demonstrando a importância de um bom planejamento urbano, sendo esta pesquisa um estudo aprofundado sobre esta formação da região e sobre como isto afeta a população que ocupa e ocupará este espaço, e quais formas temos para melhorar a qualidade de vida desses cidadãos por meio do urbanismo

2 METODOLOGIA

Habitualmente pesquisas científicas desenvolvem-se tanto de forma teórica quanto também por meio de entrevistas, pesquisas com a populações, criação e desenvolvimento de sistemas ou equipamentos. Porém no ano de 2020 que é o qual estamos desenvolvendo este projeto, está ocorrendo um forte isolamento social por conta de uma pandemia causada pela doença denominada Covid-19, causada pelo vírus Sars-coV-2, apelidado de Coronavírus e assim, impossibilitando uma abordagem de desenvolvimento que envolva meios fora da plataforma online, por este motivo nossa pesquisa foi pensada para ser produzida e desenvolvida, somente por meio de pesquisa online, sem efetivamente uma intervenção real com outros indivíduos além do meio online, com pesquisa de dados e da história, além de reflexões e artigos.

2.1 Glicério

A Baixada do Glicério é um dos exemplos das consequências do planejamento urbano elitizado e rodoviarista que ocorreu em São Paulo durante o decorrer do século XX. Sendo seu papel na cidade, ou seja, seu lugar na dinâmica urbana de São Paulo.

O bairro do Glicério como um todo é considerado atualmente como uma das se não a pior região do centro da cidade de São Paulo quando se considera questões, como qualidade de vida, segurança pública e infraestrutura, e este fato se deu por meio de diversos processos que tornaram o Glicério e todo o centro de São Paulo em uma região conhecida por sua degradação e falta de segurança, sendo estes processos, não exatamente uma falta de planejamento, mas talvez um planejamento intencionalmente segregador.

Um dos primeiros pontos para se pensar antes de abordar diretamente o bairro do Glicério é o plano de urbanização de São Paulo e como se deu o pensamento urbano durante o crescimento da cidade. Dentro disso, um texto se mostra muito útil para a compreensão deste ideal de pensamento o famigerado, planejamento rodoviarista.

3 A URBANIZAÇÃO DO AUTOMÓVEL

A cidade de São Paulo passou por um rápido processo de verticalização que por si não é um problema, mas sim a forma na qual foi feito, por meio de uma visão anti-urbana que visava a nova forma de se locomover, dando adeus aos bondes e inserindo os carros como meio principal de transporte e mantendo isso, como podemos perceber com a forma que São Paulo foi construída, prédios sempre no centro do lote de forma a isolar seus moradores da realidade que vive a cidade, cada apartamento com 1,2 ou 3 vagas de garagem, ruas largas e calçadas estreitas, forçando toda a mobilidade urbana a um único meio de transporte, o carro, e a forma na qual isso foi feito, foi um passo largo em direção a desigualdade e à gentrificação.



(Chris Faga/Getty)

Durante o início da verticalização da capital paulista, o crescimento foi limitado por conta do recente início do uso de elevadores, que por sua vez permitiam maiores alturas em solos brasileiros, e com a demora de sua regulamentação, resultou em leis que limitavam a altura de quase todos os empreendimentos, fator esse que atrasou o real boom de verticalização em São Paulo diferentemente do que já acontecia em outras metrópoles da época.

Segundo o texto de Nadia Somekh na Revista do Arquivo Municipal que trata da verticalização da capital paulista e discute seu desenvolvimento, ela divide a verticalização em algumas fases sendo elas:

1920-1940: caracterizado por uma verticalização nos moldes europeus, onde ocorreu o início do uso de elevadores porém não a ponto de preocupar o poder público, fazendo os edifícios se manterem em uma altura não muito além do visto em cidades europeias da época, só tendo mudado isso em 1940 com a regulamentação dos elevadores.

1940-1957: Com a regulamentação e ascensão dos elevadores na capital até os limites do coeficiente de aproveitamento, foi visto prédio com alturas maiores, seguindo um padrão de crescimento norte-americano, como se via em países como a recente potência na época, os Estados Unidos.

1957-1967: a famigerada verticalização do automóvel ou planejamento rodoviário, no qual foi um período de estagnação econômica em que o foco no transporte individual e não coletivo a partir da ascensão do automóvel, criou uma mentalidade a curto prazo incentivando a criação de leis que beneficiassem construções anti-pedestre e valorizando o uso do carro, junto de uma mentalidade segregadora que na época se iniciou ao construir empreendimentos cada vez mais alheios à realidade, colocando a população que vivia em apartamentos cada vez mais isolada da nova realidade de migração e gentrificação da cidade..

1967-1972: verticalização do milagre, com a atual ascensão econômica o antigo processo de gentrificação se acentuou e neste período o apelo a boa arquitetura e urbanismo iniciou sua banalização, acentuando o processo anti-urbano visto na década passada.

1972-1988: verticalização pós-zoneamento, presente na desaceleração econômica da década perdida, após o processo de zoneamento que possibilitou o aumento dos coeficientes de aproveitamento.

1988-2004: verticalização negociada, agiu como uma reversão da “desverticalização” anterior, e junto com o início das operações urbanas e de seus eixos, beneficiou o desenvolvimento das regiões do centro expandido.

2004-2011: verticalização metropolitana, agiu com força nas zonas metropolitanas e cidades próximas em geral, e essa competição na especulação, criou zonas de

desenvolvimento como Alphaville em Barueri por exemplo, aumentando a mancha urbana e dificultando ainda mais a questão do transporte na RM e município.

Um trecho muito interessante no texto é quando se aborda essas etapas num âmbito mais amplo como no seguinte parágrafo:

-Ressaltamos que o crescimento vertical em São Paulo pode ser dividido em duas partes: uma primeira até 1988, que denominamos de Desverticalização, e outra, depois de 1988 até hoje, em que a reversão da redução dos coeficientes de aproveitamento através das Operações Urbanas e da Outorga Onerosa não se apresenta como suficientes para produzir uma cidade compacta e evitar um transbordamento metropolitano da verticalização.

Essa lógica urbana apelidada de rodoviarismo foi amplamente difundida nas épocas de crescimento econômico tendo como exemplos a canalização de rios, criação de grandes avenidas à beira de rios, como no caso das marginais Pinheiros e Tietê, e também na avenida do Estado no caso do Rio tamanduateí

dentro desta lógica o urbanismo e sua relação direta com a cidade e dentro disso o filósofo marxista Henri Lefebvre desenvolveu o livro “O Direito à Cidade”, analisando questões urbanas e da própria dinâmica da cidade como um Direito, e junto disso alguns pontos interessantes para se pensar a produção da nossa realidade urbana, que inevitavelmente é advinda da industrialização, que foi um dos principais fatores que levou a cidade de São Paulo à atual configuração urbana.

3.1 O Direito à cidade Industrialização e Urbanização

A obra de Henri Lefebvre é importantíssima ao se discutir de qual maneira os conflitos urbanos dentro de uma metrópole como São Paulo são essenciais ao se discutir a formação e o planejamento da dinâmica urbana da cidade, pois ao se pensar o urbanismo se está intrínseco a isso a sua relação com as pessoas e elas como indivíduos conflituam-se entre si e com base nestes conflitos sociais se desenvolve uma cidade com tanta história, como São Paulo, e por isso analisaremos sua obra “O direito à cidade”.

Dentro dos primeiros parágrafos deste trecho da obra se destaca:

-A industrialização caracteriza a sociedade moderna. O que não tem por consequência, inevitavelmente, o termo “sociedade industrial”, se quisermos defini-la, ainda que a urbanização e a problemática do urbano figurem entre

os efeitos induzidos e não as causas e razões indutoras, as preocupações que estas palavras indicam se acentuam de tal modo que se pode definir como sociedade urbana a realidade social que nasce à nossa volta. Esta definição contém uma característica que se torna de capital importância.

Este parágrafo relembra o fato da revolução industrial que por sua vez pode ser considerada o maior avanço de toda a história da humanidade como a conhecemos hoje, está intrinsecamente ligada com a evolução e criação do que conhecemos como urbanismo, pois a partir da criação da “indústria” ou melhor dizendo da evolução do acúmulo de capital não somente a um conceito básico de trocas de incentivos, mas sim a sua evolução como novo sistema econômico presente no país que estava à vanguarda da industrialização, a Inglaterra, de modo que esta nova forma de pensar as relações monetárias e relações de trabalho incentivava a concentração de pessoas em grandes cidades, e esse movimento ocorreu de forma muito rápida forçando uma enorme evolução da dinâmica urbana em um curto espaço de tempo.

Isso ocorreu pois ao mesmo tempo que surgiu a possibilidade de ascensão econômica, as desigualdades cresciam visto que o poder monetário antes somente na mão da aristocracia e de uma pequena burguesia, agora explodia na mão de muitos novos burgueses e trabalhadores que tiveram sua ascensão e nas mãos dos já antigos que enriqueciam cada vez mais, e com os grandes centros concentrando as oportunidades de os trabalhadores poderem ter uma qualidade de vida além do que antes era permitido, contribuiu para o adensamento de trabalhadores e burgueses vendo tais oportunidades. Vinda junto a criação de novas comunidades e bolhas sociais, de uma sociedade antes rural, agora urbana!

-O que se levanta sobre essa base é o Estado, o poder centralizado, uma cidade predomina sobre as outras; a capital.

-Semelhante processo se desenrola muito desigualmente de modo bastante diverso, na Itália, na Alemanha, na França e em Flandres, na Inglaterra, na Espanha. A cidade predomina, no entanto não é mais, como na antiguidade, a Cidade-Estado. Três termos que se distinguem: a sociedade, o Estado, a Cidade.

A cidade é nada mais do que a evolução de uma aldeia, uma sociedade primitiva que busca a seu modo um novo ideal, uma individualidade ou um coletivo, seja na individualidade de um cidadão, à comunidade de uma classe ou grupo, movido por uma ambição ou ideologia, e tudo isso constitui a cidade, como dito no livro “...tem a Cidade por local, arena...” colocando a cidade como local de conflitos, onde grupos e classes batalham por seus interesses, seja na ótica de opressor e oprimido, quanto

na de grupos sociais, quem possui o poder pode ditar as regras de acordo com seus interesses e assim criar um modus operandi em que seus interesses são privilegiados em detrimento dos interesses de outra classe social ou ideológica.



(fotografia do centro histórico de São Paulo, Gabriel Rufino)

Ou seja a cidade se movimenta, possui uma dinâmica, e este dinamismo está fortemente ligado às relações entre os indivíduos, os “cidadãos” desta cidade, que constitui tal pole, pois assim como cidadãos constituem o coletivo desta pole seja uma pequena cidade à uma poderosa megalópole, o coletivo antes de tudo é composto por indivíduos, e é necessário entender estas individualidades antes de aplicá-las ao coletivo, ainda quando os mesmos desassociam-se e isolam-se em bolhas sociais, estas bolhas ainda são constituídas de indivíduos e estes responsáveis por decisões que afetam não só a si mesmos, mas também a bolhas além das próprias como as “alheias” e contrárias a este indivíduos, trazendo a noção de que a falta de planejamento urbano talvez não seja somente um desenvolvimento mal feito ou inocente, mas sim intencional de acordo com respectivos interesses de respectivos indivíduos que os exercem por meio de sua bolhas.

Destacando a relação entre a questão urbana e a industrialização sublinha o autor que:

-Mostrando até agora o assalto da cidade pela industrialização e pintamos um quadro dramático desse processo, considerado globalmente. Esta tentativa de análise poderia permitir acreditar que se trata de um processo natural, sem intenções, sem vontades. Ora, existe de fato alguma coisa assim, mas uma tal visão estaria truncada. Num tal processo intervêm ativamente, voluntariamente, classes ou frações de classes dirigentes, que possuem o capital (os meios de produção) e que geram não apenas o emprego econômico do capital e os investimentos produtivos, como também a sociedade inteira, com o emprego de uma parte das riquezas produzidas na "cultura", dos grupos sociais dominantes (classes e frações de classes), existe a classe operária: o proletariado, ele mesmo dividido em camadas, em grupos parciais, em tendências diversas, segundo os ramos da indústria, as tradições locais e nacionais. (Lefebvre, Henri, *Direito à Cidade*, 5, São Paulo, 2001)

Este parágrafo remete a ideia de que, as mudanças de leis e desenvolvimento mal planejado não foi ao acaso, ou um desleixo por parte dos legisladores e empresários, mas sim um desenvolvimento pensado para o benefício destas classes, que por sua vez eram detentoras do capital da época, tendo influência e poder para não somente beneficiarem a si próprios mas também aos seus, fortalecendo a elite paulistana em épocas que não se havia abertura às liberdades individuais de cada cidadão, seja ele detentor de grandes ou poucas riquezas e poder, restando assim uma elite que podia propor e exercer leis e ações que poderiam privilegiar e favorecer as suas respectivas bolhas, mesmo que desconsiderasse ou prejudicasse bolhas e classes "inferiores" à esta elite, de forma a ser feita sem se preocupar nem com as futuras gerações pertencentes às mesmas bolhas que antes tomaram essas decisões, e agora prejudicam tanto a elite moderna, quanto o proletariado gentrificado.

Isso acarreta por gerar uma atmosfera social que remete a uma noção de distopia urbana na qual a sociedade mesmo compartilhando o mesmo espaço social, joga um jogo de interesses, em que uma classe ou grupo pode subjugar a outra por meio do poder atribuído ao capital.

4 DISTOPIA URBANA

Distopias Urbanas: para se ter ideia do que é uma distopia, primeiro é necessário entender o conceito de utopia que é seu antônimo, utopia é aquele ideal, alcançado em um futuro, em que há harmonia entre pessoas e ideias e a ausência de ações conflituosas, onde o conceito de liberdade e igualdade estão juntos e constroem uma sociedade ideal.

Distopia ou cacotopia é como uma utopia negativa, em que geralmente retratada por meio de opressão e autoritarismo, mas principalmente pela desigualdade social e de oportunidades, em que a sociedade vive em um caos de conflitos sociais e urbanos.

Geralmente utopias e distopias são imaginadas dentro de uma narrativa futurista, sempre de um ideal futuro que algum dia a sociedade poderá ou não alcançar, mas estes conceitos talvez possam estar muito mais atrelados ao nosso dia-a-dia do que imaginamos, porém em uma escala diferente do que imaginamos quando pensamos uma futura sociedade distópica, pois este conceito é parecido com o vivido por São Paulo durante décadas, migração e imigração em massa, lógica de mercado conturbada com a criação de elites fechadas e monopólios com auxílio do Estado, além deste distanciamento social entre o rico e o pobre, que promovia cada vez mais a desigualdade e gentrificação, que com a degradação e desvalorização do centro da cidade e a criação do centro expandido no eixo sudoeste, em que bairros já antes marginalizados do centro da cidade, como por exemplo o Glicério, se tornaram ainda mais pelo distanciamento dos focos de emprego que antes residia no centro velho e agora estavam em locais como Avenida Paulista, Faria Lima, regiões da Bela Vista e cada vez mais em rumo ao sul da cidade, causando um grande conflito de mobilidade urbana, além de no próprio Glicério em que a cada dia se tornava mais degradado.

Além de que diferentemente de regiões como República ou Sé que já tiveram seus anos de glória, o Glicério desde sua “criação” como bairro, foi um dos poucos sobreviventes da gentrificação imposta pela indústria imobiliária em decorrência das regulações e incentivos governamentais mal planejados nos períodos de pré-ditadura e na ditadura que promoveram estes tipos de movimentos urbanos, que só prejudicaram a região central, seja pela falta de planejamento, ou talvez pelo planejamento equivocado ou intencionalmente mal planejado para fins particulares, e

estes que tem seus efeitos vistos até hoje, tanto no urbanismo quanto na mentalidade paulistana.

4.1 Construção do Glicério- O Rio

Um dos eventos mais emblemáticos na criação do que hoje conhecemos como Glicério é a retificação do rio Tamanduateí, que iniciou o processo que podemos chamar de “sufocamento” do Bairro do Vale do Glicério.

Com foz no Tietê e no seu atual estado de poluição principalmente causada pelos seus afluentes, como por exemplo o Ribeirão dos meninos. Ainda sim cercado pela famigerada Avenida do Estado, conhecida pelo seu trânsito intenso e principalmente por sua feiura, são fatores que excluem o Tamanduateí da dinâmica da cidade, sendo mais um rio morto dentre os vários deixados na história da cidade e embaixo de suas ruas. Antes sendo um rio extremamente curvo e sinuoso, ocupando uma grande área, sendo assim representando um obstáculo a ser enfrentado para a vinda do progresso e por conseguinte sua retificação. O rio iniciou seu processo de retificação entre 1872-1875 durante o governo de João Theodoro e com o passar dos anos recebeu construções às suas margens e por fim a Avenida do Estado que em 1914 junto com o avanço da retificação do Rio, decretou a morte do Tamanduateí.

(comparação da Varzea do Carmo (Tamanduateí) antes e após sua retificação)



4.2 Construção do Glicério-O Viaduto

No final da década de 60, durante os governos municipais de Faria Lima (1965-1969) e Paulo Maluf (1969-1971), foi construída uma sequência de viadutos para conectar a Radial Leste ao Elevado Presidente Costa e Silva. Uma grande obra de infraestrutura viária que rasgou na malha urbana, deixando para trás um rastro de degradação que perdura que até os dias atuais. Entre os imóveis demolidos estavam o Teatro São Paulo e parte do conjunto de casas que formavam a Vila dos Estudantes, criando uma barreira física, com apenas duas possibilidades de transposição junto a Rua do Glicério. (Souza, Paula Carlos de(2018,p.10).

Deste modo o Viaduto “enforcou” o bairro do Glicério aos olhos da população pois o local se tornou uma simples etapa de passagem do eixo centro-leste da cidade, dificultando o acesso ao bairro e criando uma invisibilidade social para seus moradores, que agora não pertenciam mais ao centro, mas sim à “periferia” pois mesmo em plena região da Liberdade e Sé que até então eram região nobres do centro, eram responsáveis pelo “fardo” do Glicério, mas que nunca foi pesado visto que o próprio poder privado e público, ignorou completamente a região por décadas, sendo simplesmente “engolida” pelo ideal de “progresso” da época e da falta de planejamento ou até planejamento intencionalmente ruim em prol desta nova visão que caía sobre os governantes da cidade de São Paulo.



Fonte: Autora em trabalho de campo
Sobre base do Mapa Digital da Cidade/2004



Fonte: Autora em trabalho de campo
Sobre base do Mapa Sara Brasil/1930

4.3 Encortiçamento

O encortiçamento foi uma forte característica da revolução industrial e da ascensão de grande centros urbanos sendo o foco principal dos empregos, iniciando mesmo entre os séculos XVIII e XIX um fenômeno conhecido por êxodo rural, em que a população de uma zona predominantemente rural migra em direção a grandes cidades, buscando melhores condições e qualidade de vida e principalmente a ascensão econômica. Uma famosa obra que retrata o dia-a-dia destes locais e suas histórias é a clássica obra “O Cortiço” de Aluísio Azevedo que retratou a história de um cortiço brasileiro, sendo esses lugares durante muitos anos considerado o pior lugar para se viver.

Mas afinal o que são cortiços? A palavra cortiço recebeu esse nome a partir das caixas que eram feitas de cortiça (do latim CORTEX “casca”), com a finalidade de abrigar colmeias de abelhas, que por sua vez possuíam várias “moradoras” dentro. Daí se faz a associação simples de entender entre moradas frágeis, pequenas e com uma grande quantidade de habitantes.



Maycon Amoroso/ BBC Brasil

Os cortiços de São Paulo são por maioria construções do final do século XIX e primeira metade do século XX que durante o boom de desenvolvimento da cidade em que pessoas vinham aos milhões de forma muito desorganizada para a capital paulista, atraídas pelos empregos e comércio e assim se iniciou a partição e venda

de cômodos dessas antigas construções para famílias inteiras e o processo de deterioração destes bairros em São Paulo.

Esta degradação do bairro do glicério se veio também e principalmente por conta de obras e regulamentações públicas mal pensadas e dialogadas com o mobiliário e com a dinâmica urbana da cidade, e que afeta a população central da cidade mesmo em tempos atuais.

4.4 Lei do Inquilinato e o início do encortiçamento

No ano de 1942 o polêmico governo do ex-presidente Getúlio Vargas anuncia que haverá a implantação da Lei do Inquilinato, uma medida governamental que congela os preços dos aluguéis, que eram estipulados até então pelo mercado imobiliário. Com isso a lei desestimulou a produção rentista provocando uma série de consequências para a classe assalariada e para a investidores do mercado de imóveis, como por exemplo: o fim da produção de moradias para locação, despejos, cancelamentos de contratos, entre outros

Com a Lei do Inquilinato, junto da crescente questão de moradia que há alguns anos já se agravava desde a crise de 1929 e do crescimento populacional decorrente da promessa econômica da capital, tornou-se um gatilho para um desenfreado processo de encortiçamento das unidades residenciais junto à uma considerável parte da área central da cidade. As vilas e os conjuntos de casas construídas pela iniciativa privada no Glicério não se mantiveram alheios a essa situação.

Com a intensa crise habitacional decorrente de tais medidas, alguns investidores modificam as unidades de seus imóveis subdividindo-as em pequenos cômodos para garantir sua renda e o crescimento da mesma ante as medidas do governo. Outros optaram por viabilizar a venda dos imóveis, algumas vezes ao próprio morador e ele, por sua vez, inicia a sublocação informal para assegurar sua renda e quitar o “financiamento” da unidade. criando assim um intenso adensamento e forte processo de encortiçamento da região que acelerou a degradação da região principalmente por meio da desvalorização dos terrenos, o que dificultou ainda mais tanto a situação dos proprietários dos cortiços, como também dos seus moradores, agora menos estáveis e mais marginalizados.

4.5 Glicério: Uma nova cracolândia?

Algo interessante ao se pensar na baixada do Glicério é sua marginalização e a maneira na qual esta “externalização” do bairro do Glicério em que assume posição passiva em suas políticas visto a pouca voz tida por sua população, nas decisões sobre seu destino, visto que o bairro foi selecionado para abrigar uma unidade de acolhimento a dependentes químicos, sabendo que jamais se veria em São Paulo bairros como o jardins e higienópolis sendo cotados para receber essa proposta, já que pelas diferenças na classe social destes respectivos bairros, possuem voz e poder dentro da iniciativa pública, mesmo que esse poder seja para manter particularidades anti-urbanas esta população tem privilégios por conta de sua casta, enquanto populações carentes como nas periferias ou como no próprio Glicério estão sujeitas a qualquer decisão do poder público sem espaço de fala.

Na região do Vale do Glicério no dia 8 de Abril de 2020 em plena pandemia por conta do Covid19 causado pelo Coronavírus, foi aberto uma unidade de acolhimento de usuários de drogas na região do Vale do Glicério em decorrência ao fechamento do antigo centro de acolhimento no bairro da Luz, por causa de uma ação policial que mostrou condições inapropriadas de trabalho para os funcionários e de acolhimento para os usuários por causa do tráfico.

Muitos moradores da região protestaram com cartazes e discursos de ordem, contra o uso do espaço de acolhimento, afirmando que a comunidade não tinha condições para receber tal equipamento visto a situação já decadente e precária da região, e pedindo que o local se torne uma creche para as crianças filhas dos moradores da região que segundo o que dizem, é a principal demanda no qual aquele espaço deveria satisfazer.



Para o transporte dos usuários de um centro para o outro, foram necessários dois ônibus que ficaram completamente lotados, fato este que atraiu certa polêmica na mídia e principalmente entre os moradores do bairro, que iniciaram o protesto contra o uso do espaço, que

antes era uma praça pública de constante uso da população que foi destruída para dar lugar ao centro, porém sem consulta pública aos moradores, que reivindicaram o espaço a um uso benéfico à população. Porém não houve manifestação da prefeitura sobre isto e o espaço continua sendo o “Serviço Integrado de Acolhida Terapêutica (SIAT) II – Glicério” e a população por sua vez não foi ouvida pelos órgãos competentes mesmo após manifestações.

Dentro da questão do glicério analisamos o mini documentário da UFABC chamado territórios do planejamento que nos remete um pouco a formação da malha urbano do centro de São Paulo e alguns pontos interessantes a se considerar dentro desta dinâmica de planejamento.

4.6 Documentário: Territórios do Planejamento

Analisaremos o documentário territórios do Planejamento da UFABC que trabalha a passagem do Brasil e de São Paulo de um território de predominância rural, para um país urbano e industrial, e como a sociedade e o estado reagiu e interferiu neste processo, até chegarmos na atual configuração urbana da cidade de São Paulo e tendo em vista também situações como a do Bairro do Glicério.

No documentário da UFABC que trata sobre a transformação do espaço rural e urbano no Brasil é citado um interessante conceito sobre a terra urbana, e sobre o lucro que ela pode render aos investidores de infraestrutura, pois diferentemente do meio rural, na qual uma terra tem seu principal valor na qualidade dela para a agricultura e no seu tamanho para se ter maiores plantações, a terra urbana tem seu valor ditado por sua proximidade com centros financeiros, transporte público ou o acesso ao transporte privado, a proximidade com iluminação pública, asfaltamento, hospitais e centros de distribuição, ou seja o valor de terra rural que é principalmente ditado por características naturais, a urbana está intrinsecamente dependente das ações do homem, tanto para sua criação, quanto valorização ou até mesmo desvalorização como no caso do Glicério e outro pontos do centro da cidade de São Paulo.

Como dito no documentário, criar leis “extravagantes” de intervenções urbanas como as dezenas criadas desde os anos 90 e anos 2000, dentro de um ambiente

urbano já segregado e mal construído é ineficiente, visto que não trata dos processos principais que causaram essa sociedade caótica da forma que é vista hoje, podendo ser interpretado como um incentivo a individualização dos processos de crescimento, industrialização e até mesmo degradação dos ambientes para chegar aos atuais estados que se encontram e ao invés de tratar a situação da cidade como um todo, um coletivo unificado, dar atenção individual aos devidos processos e possíveis soluções de forma que cada processo individual possa posteriormente constituir de forma mais proveitosa o coletivo urbano de São Paulo.

4.7 Reflexões sobre o Urbanismo

Para se compreender nosso estudo de caso é necessário compreender o que é o urbanismo e quais são seus efeitos dentro de uma sociedade. O urbanismo como conceito mesmo que sendo sua aplicação desde a antiguidade pelas primeiras civilizações humanas, só começou a ser pensado assim a não muito tempo atrás, Ildefonso Cerdá, em sua obra Teoria Geral da Urbanização, foi o primeiro a utilizar o urbanismo e urbanização com o sentido de planejamento urbano, isso na segunda metade do século XIX, sendo consequência do êxodo rural proveniente da industrialização, podendo ser considerado o movimento de estudo do urbanismo algo predominantemente “moderno”, visto que os objetivos fundamentais do mesmo, permanecem até hoje, sendo eles:

1- Descongestionar o centro das cidades para cumprir as exigências de fácil circulação

2- Aumentar a densidade do centro das cidades para realizar o contato exigido pelos negócios oriundos no crescente mundo capitalista

3- Aumentar os meios de circulação, ou seja, modificar as dimensões das ruas, que se encontravam sem efeito diante dos novos meios de transporte

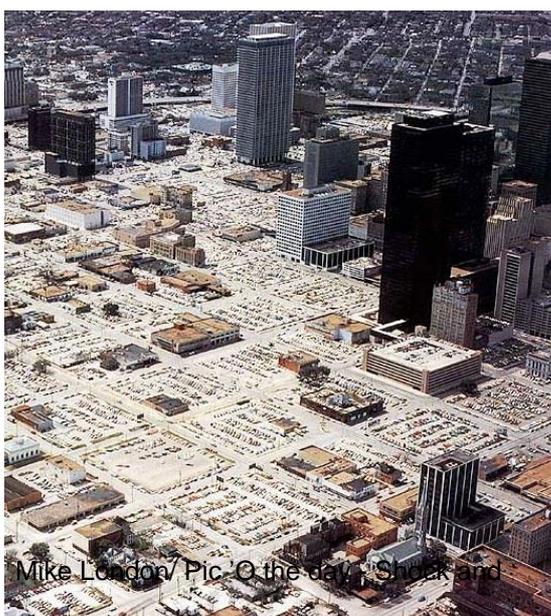
4- Aumentar as chamadas “áreas verdes” visando gerar maior lazer e menor estresse aos novos trabalhadores urbanos

Na obra “I Piani Regulatori Urbanistici” de Leopoldo Mazzaroli, o autor define urbanismo como: “a ciência que se preocupa com a sistematização e desenvolvimento

da cidade, buscando determinar a melhor posição das ruas, dos edifícios e obras públicas, de habitação privada, de modo que a população possa gozar de uma situação sã, cômoda e estimada" sendo também um dos principais pontos do urbanismo a busca da harmonia entre o espaço e o indivíduo que nele reside, porém num âmbito maior do que a arquitetura por si, mas sim em uma visão do coletivo urbano, seja qual for o tipo de intervenção em ambiente urbanístico, esta por si é por essência uma intervenção urbanística, mas não necessariamente com um bom ou mal urbanismo, pois a mesma deve satisfazer da melhor forma possível as demandas daquele ambiente específico, e mesmo tratando individualmente a forma na qual esta por si irá interagir com o meio urbano coletivo, tanto em estética como em funcionalidade.

4.8 Exemplos de modelos diferentes de urbanismo

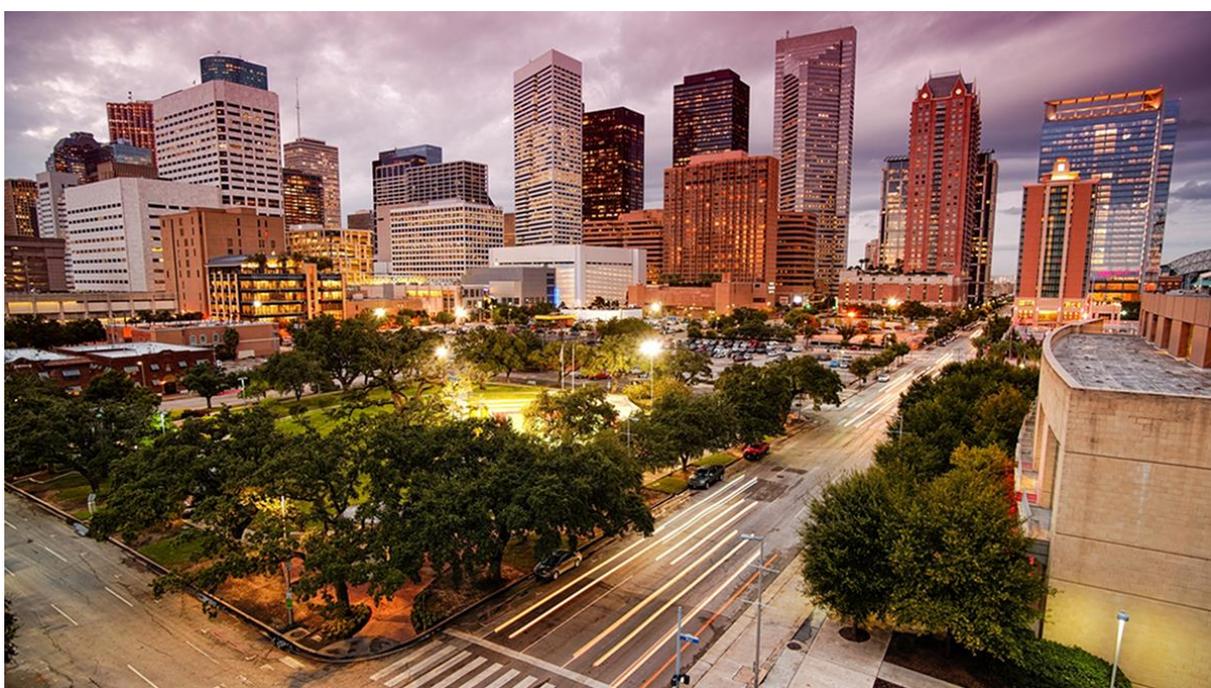
Neste tópico abordaremos alguns exemplos de diferentes tipos de urbanismo e pensamento urbano presente em diferentes cidades pelo mundo e tentar inferir de qual maneira esses planejamentos urbanos interferem na dinâmica social e econômica das cidades em questão.



Houston: um exemplo de urbanismo mal planejado é Houston, que é a maior cidade do maior estado dos Estados Unidos, o Texas. Mesmo sendo uma das principais cidades da maior potência tecnológica e econômica do mundo, a cidade possui um urbanismo muito mal pensado, sendo extremamente pouco atrativo ao pedestre com quadras largas de no mínimo 200 metros, sem acesso as ruas adjacentes entre os quarteirões para o pedestre, tornando longo e cansativo a maioria dos trajetos feitos a pé, além de que as vias são muito largas, com cerca de 30 metros as avenidas e 20 metros as ruas (comparável às grandes avenidas de São Paulo), dificultando muito a situação dos

pedestres e ciclistas, pois em ruas largas os carros andam mais rápido trazendo menor segurança e dificuldade para se atravessar, junto de diversas leis que privilegiam o carro como meio de transporte particular, com a criação de diversas rodovias ao redor da cidade cada vez menos densa e alheia ao pedestre, por meio de intervenções e regulamentação estatal mal elaborada.

Com uma cidade com regulamentação da área mínima de lotes a tamanhos absurdos, e que obriga os edifícios a possuírem números imensos de vagas, assim como ocorreu e ainda ocorre em São Paulo, com uma quantidade enorme de estacionamentos, que mesmo tendo melhorado, ainda é notável sua quantidade por toda a cidade. Se tornando por si uma cidade com o transporte coletivo virtualmente impossível, seja por meio de táxis ou ônibus, com quadras enormes em que essa logística seria extremamente dificultada, convertendo-se em uma cidade anti-urbana, e se tornando um exemplo de mau urbanismo mundialmente conhecido e estudado, compartilhando conceitos parecidos com a cidade de São Paulo e seu histórico de péssimas regulações e intervenções governamentais.



(Silvio Ligutti/Shutterstock)

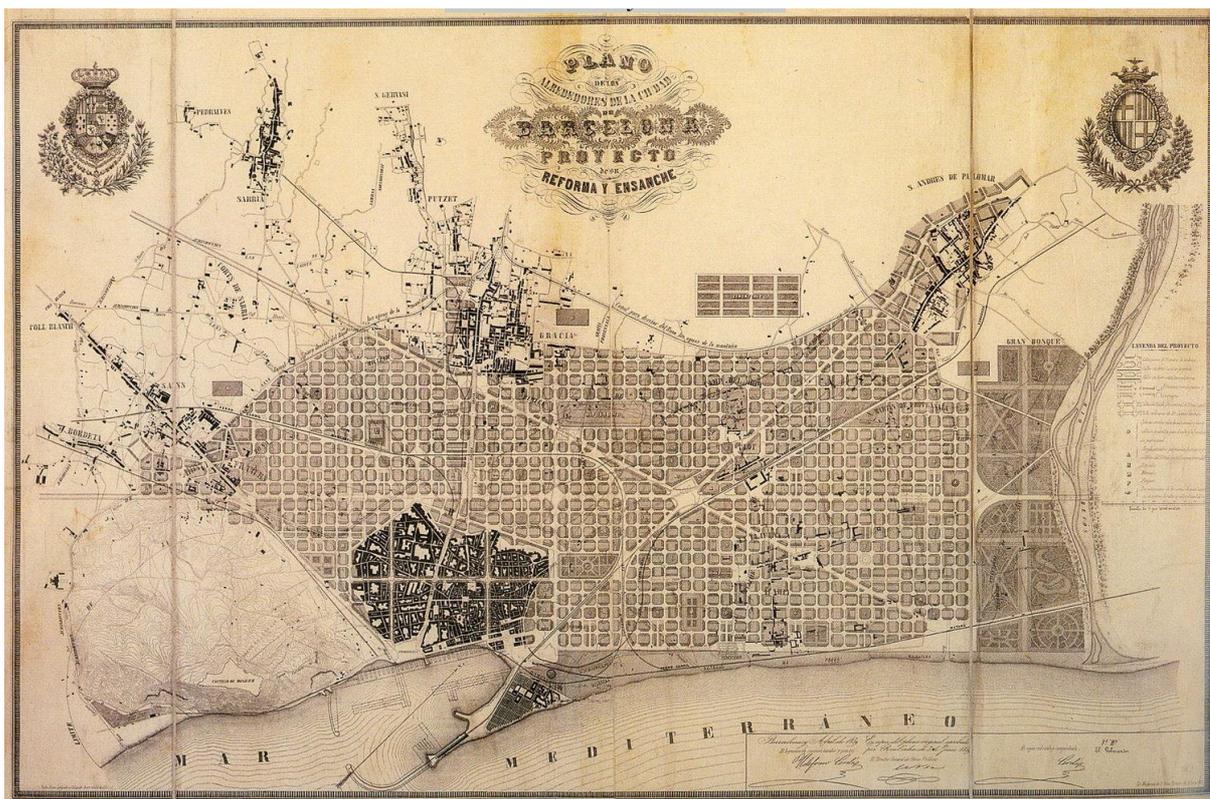
Atual situação de Houston que mesmo após certa evolução na sua situação urbanística é notável os efeitos de sua má urbanização e espraiamento, porém a cidade vem aos poucos mudando sua leis, para tentar tornar o ambiente urbano da metrópole mais agradável e dinâmico, movimentos também vistos, porém em passos

muito mais curtos em São Paulo, cidade também fadada às consequências de seu mau planejamento.



(marchello74/Shutterstock)

A cidade Catalã de Barcelona é um dos exemplos de urbanismo e bom planejamento para todo o mundo, o crescimento econômico da cidade no século XIX graças a indústria têxtil e o indianismo gerando certa disputa entre a elite local para suas obras como forma de demonstração de poder e riqueza, desta forma o crescimento de Barcelona foi acompanhado de um ótimo planejamento urbano, que ocasionou nesse reconhecimento internacional que a cidade possui por sua arquitetura de grandes nomes como Gaudí, Domènech i Montaner e Puig i Cadafalch, pudesse tornar o que é hoje. Um dos principais precursores desse reconhecimento foi o Plano Cerdà de 1860 que foi uma das primeiras ações de planejamento do que no futuro seria chamado de urbanização, de forma que categorizou e planejou uma área de Barcelona 10 vezes superior a até então construída.



Plano Cerdà (1858). Image © Ildefons Cerdà i Sunyer - Museu d'Historia de la Ciutat, Barcelona. Domínio público

(a parte escura da imagem era a atual cidade de Barcelona e a acinzentada o planejado pelo plano cerdà)

Após a criação e aprovação polêmica, forçada pelo governo do Reino de Espanha, criado por Ildefonso Cerdà o plano previa além de alturas limitadas aos edifícios, um planejamento baseado nos critérios de plano ortogonal, com as ruas traçadas em paralelos e com traçado geométrico ortogonal, porém no plano de cerdà possuía as esquinas dos quarteirões chanfros de 45° para permitir melhor visibilidade tanto do pedestre quanto pelas carroças que futuramente seriam substituídas por carros com a criação do motor a explosão em 1850, e isto junto da valorização das calçadas ao pedestre e a obrigatoriedade de áreas verdes nos quarteirões, também criou um sistema de coleta de água e equipamentos comunitários além do distanciamento da área urbana as áreas industriais da cidade, organizando a malha urbana como uma grade, permitindo o desenvolvimento de uma dinâmica urbana mais eficiente, que mesmo sofrendo com o tempo certas alterações pelos interesses de latifundiários e do próprio governo, ainda é um dos responsáveis pela atual admiração do incrível urbanismo da cidade portuária de Barcelona.

Um elemento essencial dentro da ideia do urbanismo é a arborização, esta que por si causa certos conflitos quando visto na dinâmica de São Paulo e é o tema do tópico a seguir.

4.9 Arborização no urbanismo

Como vimos anteriormente um dos pilares da urbanização moderna é a arborização, a presença de árvores em ambientes urbanos é além de essencial para a qualidade de vida dessa população urbana, uma forma de reintegrar a sociedade urbana ao meio ambiente nativo da região na qual ela foi construída, tendo de exemplo o Brasil que é um dos países, se não o país com a maior diversidade de fauna e flora de todo o mundo, que infelizmente por causa de uma exploração mal planejada e despreocupada com esta biodiversidade presente, tanto por ignorância quanto conta dos interesses tanto da coroa quanto principalmente após a república nas épocas desenvolvimentistas do Brasil e seu processo de industrialização, que junto a chamada revolução verde destruiu boa parte dos biomas brasileiros, sendo a arborização urbana uma maneira de ir contra estes caminhos do “progresso” e mostrar um horizonte mais sustentável tanto a sociedade mundial, como também e principalmente a brasileira.



(Garden by the bay, Singapura, May_Lana/Shutterstock)

A Cidade-Estado de Singapura, é considerada atualmente a cidade mais arborizada do mundo, além de seu invejável urbanismo a cidade apresenta uns dos melhores índices de IDH do mundo, além de ser a capital mais limpa da Ásia.

A arborização é essencial para a qualidade de vida da população, pois as árvores e plantas no processo de respiração celular e fotossíntese, purificam o ar de impurezas químicas e principalmente de gás carbônico, que é um dos principais poluentes de grandes centros urbanos por causa do processo de combustão de combustíveis de automóveis, como gasolina diesel, além da poluição causadas por

fábricas e indústrias. sendo essencial a presença de árvores e plantas nesses ambientes para auxiliar na limpeza do ar, que acelera o processo do aquecimento global, além de questões como a inversão térmica em grandes centros e evitar a criação de ilhas de calor por conta da verticalização de forma mal planejada.



Foto de Marcos O. Costa

São Paulo é um ótimo exemplo quando se trata da discussão sobre arborização urbana, visto que a cidade é nacionalmente conhecida pelo cinza e pela poluição, pois a cidade foi tomada pela industrialização e grande crescimento populacional, e seu processo intenso e rápido de urbanização deixou para trás uma herança de esquecimento do leito dos rios e da vegetação e fauna nativa da cidade, que ao meio de diversas construções de concreto e aterramento, como ocorreu por exemplo no rio anhangabaú que foi canalizado para dar lugar aos automóveis na Avenida Prestes Maia, que atualmente está em um túnel que dá lugar ao Vale do Anhangabaú, atualmente em reforma em uma proposta que pretende reviver artificialmente a lembrança do rio ao instalar mais de 850 jatos d'água que fará grandes poças em alusão ao rio que por ali passa, mas longe aos olhos das pessoas. Esse antigo pensamento de ignorar os fluxos fluviais da cidade, foi um enorme erro visto as intensas enchentes que ocorrem por toda a cidade e destroem vidas e famílias, como ocorre na baixada do glicério de forma quase anual. Sendo aí que entra a arborização, pois as árvores podem absorver cerca de 70% da precipitação, já que umidificam o ar e baixam as temperaturas, diminuindo a intensidade das pancadas de chuva, e as

chuvas que por si, auxiliam também na diminuição dos impactos da poluição no ar da capital, mostrando a extrema importância de um plano de arborização e a incentivos de tornar a capital cada vez mais verde.

4.10 Diferenças de regiões de diferentes arborizações em São Paulo

A cidade de São Paulo possui a fama de ser a capital mais poluída e cinza do Brasil e fama esta adquirida pela qualidade do seu ar e da falta de “verde” na paisagem urbana da cidade, sendo a cidade concorrente econômica e cultural ao Rio de Janeiro, com suas praias e morros verdes característicos da zona sul da capital carioca, que apresenta e esbanjam sua natureza abundante, sendo considerada a “cidade maravilhosa”.

Atualmente é a cidade e a capital mais poluída do Brasil com 64 microgramas de poluentes por metro cúbico na cidade e na região metropolitana, estando São Paulo e sua região metropolitana com 38 microgramas por metro cúbico segundo os dados compilados pela Cuponation em 2019. mas por qual motivo mesmo São Paulo não sendo a capital mais poluída do país ainda possui essa fama no imaginário popular, já a “Cidade Maravilhosa” é sempre lembrada por seu verde e natureza? Arborização! a cidade de São Paulo foi por muito tempo uma cidade “cinza” por conta de sua baixa presença de verde, mesmo que essa realidade tenha mudado muito, tanto em poluição quanto em sua arborização, ainda existe diversas discrepâncias entre regiões da cidade, com algumas sendo exemplo de arborização, enquanto outras, exemplos em aridez.

Para a comparação analisamos distritos (subprefeituras) de São Paulo um com alta taxa de árvores por habitante, e outro com uma baixa taxa e compararemos seus índices sociais .

Antes de iniciarmos a comparação é importante ressaltar que arborização é diferente de



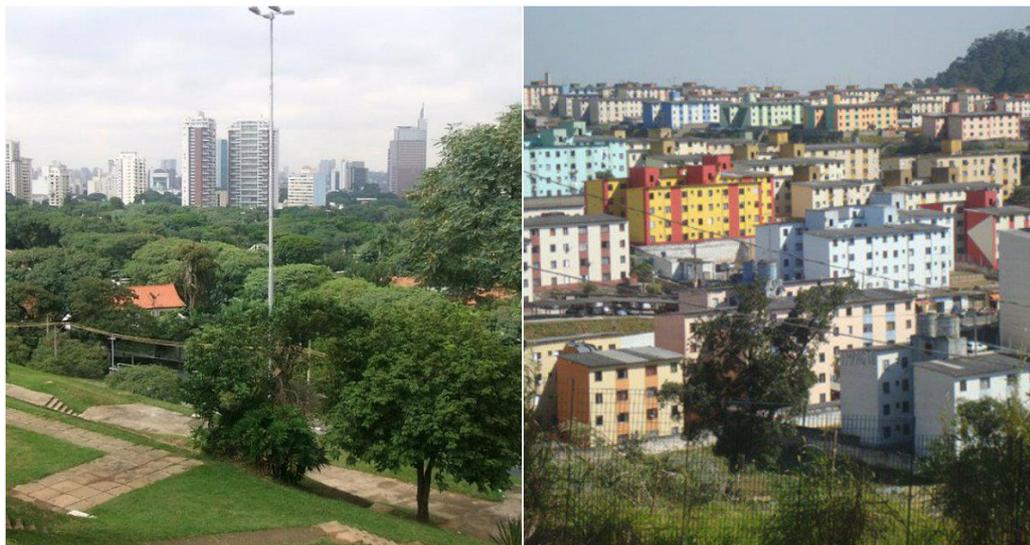
cobertura vegetal, como exemplo temos Parelheiros que é o bairro com maior cobertura vegetal de São Paulo, porém não o mais arborizado, pois nos bairros habitados há muita pouca presença de árvores, sendo a arborização a quantidade de verde em zonas urbanas.

O bairro de Pinheiros no centro expandido, região sudoeste da capital, é o bairro mais arborizado da cidade, enquanto Cidade Tiradentes no extremo leste possui a pior arborização da cidade.

Porém a arborização não envolve somente estatísticas ou estética nestes distritos, mas sim refletem muito na dinâmica social e no processo de formação destes bairros, utilizamos como exemplo de comparação os bairros pertencentes aos distritos de Pinheiros, uma região que foi construída predominantemente pela elite que saía do centro velho da cidade, enquanto cidade tiradentes construída pela população pobre que não possuía mais a condição de viver nas áreas mais centrais.

No Mapa da desigualdade de São Paulo aponta o bairro de Moema em Pinheiros como o bairro com a menor presença de população preta e parda da cidade e ao mesmo tempo com a maior expectativa de vida de 80.6 anos, enquanto Cidade Tiradentes possui uma expectativa de 57,3 anos, sendo a menor da cidade, tendo essa diferença de 23,3 anos de expectativa de vida e sendo a zona leste a mais populosa e umas das regiões com menor infraestrutura e renda do município, além de ser a região com o maior número de óbitos provenientes do Covid-19.

Tudo isto decorrente da marginalização e falta de planejamento urbano que esta região sofreu, também refletida em ser uma das regiões mais áridas e pouco arborizadas por causa da falta de consciência ambiental que a população mais pobre tem decorrente da deficiente educação pública que assola estas regiões. Pois a arborização poderia trazer uma grande diferença na qualidade de vida da população de regiões mais desfavorecidas, porém calçadas estreitas e irregulares, superpopulação e adensamento demasiado, são também um dos fatores que dificultam tornam regiões periféricas menos inóspitas e desvalorizadas.



(Região de Pinheiros com sua arborização e escritórios, e Cidade Tiradentes com seu mar de COHABs e CDHUs, Montagem por Catraca Livre).

Para um melhor desenvolvimento do conceito de urbanismo na cidade de São Paulo é necessário compreender que o urbanismo é um conceito mesmo que imóvel, possui tendências fluidas e que interage de diferentes formas com a sociedade e este é um dos temas do próximo tópico

4.11 A importância da integração urbana do centro de São Paulo com a cidade

O centro de uma metrópole geralmente é o local onde se concentra a maioria dos equipamentos culturais, de saúde, comerciais e onde se faz a economia de uma cidade global alfa como São Paulo, porém em nossa cidade houve um fluxo de desenvolvimento diferente de outras grandes metrópoles, com a degradação do antigo centro da cidade, surgiu um novo polo comumente chamado de centro “expandido”, sendo mais específico a região sudoeste da cidade de São Paulo, como por exemplo, bairros como Bela Vista, Pinheiros, Jardins, Morumbi, Brooklin, Cidade Jardim entre outros, que possuem icônicas avenidas corporativas como a Avenida Paulista, Faria Lima, Juscelino Kubitschek, Berrini, Chucri Zaidan entre muitas outras, porém que vieram decorrente do processo de degradação e planejamento o centro.

O centro da cidade, recebeu durante anos zoneamentos retrógrados que limitavam muito o aproveitamento dos terrenos, ocasionando em destruição de

patrimônio histórico e construções de má qualidade e integração, para se adequar aos limites de metragens das construções e inviabilizando um desenvolvimento comercial adequado ao centro. Em 1972 foi criada a lei do zoneamento que criou burocracias e intensas leis de uso do solo para o centro da cidade e forçou a elite econômica paulistana a se mover para regiões como Paulista e Faria Lima, tornando o centro pouco atraente para o mercado imobiliário, e com cada vez mais grandes obras de transporte, grandes terminais, e estruturas como a do Minhocão, tornou do centro um espaço de passagem, não de permanência. Sem interesse do mercado imobiliário e altas burocracias, o centro foi perdendo suas empresas e seus empregos, forçando as populações mais pobres percorrerem quilômetros e horas de transporte para ir até seus empregos, faculdades e escolas por conta de um mal planejamento urbano, ocasionando numa quebra do que poderia ser uma dinâmica urbana saudável, para um espraiamento urbano preocupante, que além destes fatores, forçou cada vez mais a população pobre em direção às periferias e favelas, ao ter que acompanhar o ritmo de crescimento horizontal da cidade, impedindo um uso adequado do solo e criando um pensamento urbano retrógrado na sociedade, em quase todas as classes sociais, que possuem medo e repúdio ao avanço urbano e imobiliário, pelo fato deste planejamento antiquado na cidade ter sido em outras épocas, chamado de “progresso” e hoje representa um dos maiores símbolos de atraso da cidade.

4.12 E atualmente existem saídas?



Atualmente a cidade continua nos mesmos moldes de crescimento anteriormente visto, com baixos coeficientes de aproveitamento de terrenos e alta burocracia, se vê uma grande dificuldade tanto de se construir algo novo com qualidade, quanto para se restaurar ou modernizar construções antigas, dando a elas novos usos ou até retrofits, que é a modernização de uma construção antiga, para se adequar às novas demandas da dinâmica urbana e de arquitetura.

Porém, está havendo mudanças na cidade, tanto em arquitetura, quanto à integração dos edifícios com a população, com incentivos à fachadas ativas e menores recuos e maior aproveitamento de terreno, com também a criação de ZEUs (Zonas Eixo de Estruturação da Transformação Urbana), que são zoneamentos em regiões com infraestrutura para o fluxo urbano, como grandes avenidas, estações de metrô e trens e também terminais e acesso à outros transportes públicos.



(São Paulo antiga)

Ainda que caiba críticas em relação à área de verticalização e desenvolvimento previsto por esse zoneamento, é inegável o papel dele em bairros e eixos como a avenida Rebouças, Tatuapé e Vila Madalena, que vem crescendo em ritmo acelerado nos últimos anos e junto disso, projetos e revitalizações no centro velho da cidade, sem contar a procura da população mais jovem a voltar a ocupar regiões do centro

velho como Santa Cecília, República e Liberdade e vem aos poucos apresentando pequenos sinais de melhora, porém ainda há grandes problemas para o centro, como aponta a entrevista com a arquiteta e professora emérita da Universidade Mackenzie, Nadia Somekh já antes citada nesta pesquisa e o economista Marcos Lisboa, Presidente do Insper, pela BBC Brasil.

Na entrevista temos a seguinte fala de Marcos Lisboa sobre o uso e reaproveitamento de prédios abandonados no centro. “Há um excesso de regulação, uma infinidade de órgãos e agências que muitas vezes fazem exigências contraditórias entre si. É tão difícil recuperar o que é antigo que acaba se abandonando”. segundo ele a extrema burocracia e intervenção estatal para a revitalização de construções subutilizadas é dos principais problemas para a reutilização e revitalização destes edifícios, o economista ainda diz que o tombamento é um dos principais problemas para a conservação do patrimônio, “É claro que é preciso preservar o patrimônio, mas no Brasil se tomba demais. Há três instâncias de tombamento, com regras excessivamente minuciosas” e ainda completa “O resultado é paradoxal - na tentativa de preservar exatamente como era, acaba-se congelando e dificultando a preservação.”.

Nadia Somekh na entrevista também ressalta outros motivos que também explicam o esvaziamento do centro e o abandono de edifícios como ressalta ela, “Muitos proprietários não colocam os prédios no mercado porque estão esperando lucrar mais no futuro com uma valorização da área”, e continua. “Há inclusive uma forte pressão na Câmara dos Vereadores para que não se efetive o cumprimento da lei que permite desapropriação em prédios que não cumpram sua função social.”, completou ela sobre um ponto que também aborda na entrevista, a função social, que defende que cada edifício possui sua função social, seja ela corporativa, habitacional ou comercial. Nádia também diz “A legislação não pode ser um problema. Quando eu estava no DPH (Departamento de Patrimônio Histórico) eu pedia: bota na minha mão os projetos de habitação que a gente faz rápido, a gente flexibiliza”. Além disso muitos prédios não são colocados no mercado por conta de disputas familiares entre herdeiros, problemas judiciais e também acúmulo de dívidas no IPTU.

4.13 O que pode ser feito?

Existem diversas formas de desenvolver o centro da cidade, seja por meio de planejamento e intervenção estatal, quanto pela flexibilização e desburocratização, e incentivar que esse desenvolvimento se dê por meio da iniciativa privada, por meio de reformas, reconstruções, retrofits, zeladoria, incentivo à atividade econômica e empresarial, para tornar o centro novamente o “centro” da cidade e com isso afetar áreas tanto como a antiga areas nobre do centro, como avenida São João, libero badaró e região da república, como também na baixada do Glicério e região da Luz e Campos elíseos que se encontram em péssimas condições tanto para a população do bairro, quanto para a da cidade como um todo.

Desta forma a cidade terá de volta o centro como uma localidade de concentração de empregos, infraestrutura, cultura e turismo, dando à capital paulista novamente o brilho que seu centro antes tivera, e isto está sendo feito em passos tímidos, mesmo com as diversas propostas de intervenção urbana que o centro sofreu durante décadas, mas que sempre dava de encontro com barreiras burocráticas, que impediam seu prosseguimento. Porém nos dias de hoje surge uma nova esperança com obras e revitalizações como por exemplo a já citada do Vale do Anhangabaú, no avanço no projeto de construção do novo sesc no Parque Dom Pedro II, na recente ampliação de áreas verdes por todo o centro, além da padronização de calçadas por todo o triângulo histórico, até na criação de parklets para bares e restaurantes na região de república. Desta forma aos poucos o centro da cidade como um todo vai ganhando novas formas e horizontes porém ainda é necessário diversas outras flexibilizações, para que o centro da cidade possa retroceder sua degradação e revitalizar a dinâmica urbana da cidade de São Paulo.

5 COMO O PLANEJAMENTO URBANO AFETA A QUALIDADE DE VIDA?

Depois de estudarmos o urbanismo e o planejamento urbano, decidimos pensar em pesquisar em como o planejamento urbano impacta a qualidade de vida dos moradores de uma cidade. Iniciamos esta pesquisa consultando a dissertação *PRESERVAÇÃO CONTRADITÓRIA NO CENTRO DE SÃO PAULO: degradação das Vilas Preservadas na Baixada do Glicério no contexto da renovação urbana (Operação Urbana Centro)*. Da leitura do texto surgiu também a proposta de comparar três distritos de São Paulo sob esta perspectiva de planejamento urbano e qualidade de vida de seus moradores. Para procurar definir o que entende-se como qualidade de vida, fomos a um documento da ONU, chamado Agenda de 2030. Baseando-se nas metas da Agenda 2030, foram pesquisados dados e estatísticas públicas sobre os distritos da cidade de São Paulo, que pudessem ser usados para analisar a situação destes bairros nos pontos citados pela ONU como objetivos “ideais” de qualidade de vida.

5.1 Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável

A agenda de 2030 feita pelas Nações Unidas contém 17 objetivos e 169 metas de grande escala, criados com a intenção de serem um plano de ação para os países implementarem em parceria, com o objetivo de fortalecer a paz universal, com mais liberdade, buscando concretizar os direitos humanos e equilibrar as três dimensões da sustentabilidade: a economia, a questão social e a ambiental. O plano é determinado a libertar os cidadãos da tirania da pobreza e penúria, ele propõe medidas ousadas e urgentes para levar o mundo a um caminho sustentável ao mesmo tempo em que protege o Planeta Terra.

Esses objetivos e metas procuram estimular ações durante os próximos 15 anos em áreas de extrema importância para a humanidade e o planeta:

→ Pessoas

- Acabar com a pobreza e a fome, em todas as suas formas para garantir que todos os humanos possam ter seu potencial em dignidade e igualdade em um ambiente saudável.

→ Planeta

- Proteger o planeta de degradação, principalmente por meio do consumo e da produção sustentável, com a gestão sustentável de seus recursos naturais, e tomar medidas urgentes sobre a mudança climática, para que o planeta possa suportar futuras gerações.

→ Prosperidade

- assegurar que pessoas possam desfrutar de uma vida próspera e plena, e que o progresso econômico, social e tecnológico ocorra em harmonia com a natureza.

→ Paz

- Promover sociedades pacíficas, justas e inclusivas livres do medo e violência, pois não é possível haver desenvolvimento sustentável sem paz.

→ Parceria

- Mobilizar os meios necessários para implementar essa agenda com uma parceria global para o desenvolvimento, na base de um espírito de solidariedade global, concentrada nas necessidades dos mais pobres e vulneráveis com participação de todos países e todas as pessoas.

Como as metas estabelecem parâmetros ideais de qualidade de vida, escolhemos algumas delas para servirem de referência aos indicadores sociais selecionados para a pesquisa, entre eles saúde, educação, habitação, meio-ambiente, emprego e violência. Nem todos os indicadores puderam ser analisados devido a ausência de dados e estatísticas públicas consistentes, como por exemplo a

ausência de regularidade e homogeneização de indicadores no documento chamado *Mapa da Desigualdade*, publicado anualmente pela Rede Nossa São Paulo.

5.1.3 Objetivos de desenvolvimento sustentável

Objetivo 3. Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades

- “3.1 Até 2030, reduzir a taxa de mortalidade materna global para menos de 70 mortes por 100.000 nascidos vivos”
- “3.2 Até 2030, acabar com as mortes evitáveis de recém-nascidos e crianças menores de 5 anos, com todos os países objetivando reduzir a mortalidade neonatal para pelo menos 12 por 1.000 nascidos vivos e a mortalidade de crianças menores de 5 anos para pelo menos 25 por 1.000 nascidos vivos”
- “3.3 Até 2030, acabar com as epidemias de AIDS, tuberculose, malária e doenças tropicais negligenciadas, e combater a hepatite, doenças transmitidas pela água, e outras doenças transmissíveis”
- "3.8 Atingir a cobertura universal de saúde, incluindo a proteção do risco financeiro, o acesso a serviços de saúde essenciais de qualidade e o acesso a medicamentos e vacinas essenciais seguros, eficazes, de qualidade e a preços acessíveis para todos"

Objetivo 4. Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos

- "4.2 Até 2030, garantir que todos as meninas e meninos tenham acesso a um desenvolvimento de qualidade na primeira infância, cuidados e educação pré-escolar, de modo que eles estejam prontos para o ensino primário"
- "4.6 Até 2030, garantir que todos os jovens e uma substancial proporção dos adultos, homens e mulheres estejam alfabetizados e tenham adquirido o conhecimento básico de matemática"

Objetivo 11. Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis

- "1.1 Até 2030, garantir o acesso de todos à habitação segura, adequada e a preço acessível, e aos serviços básicos e urbanizar as favelas"

5.2 Indicadores sociais dos distritos da Liberdade, Consolação e Cidade Tiradentes

Para começarmos a coletar os dados fizemos uma seleção de distritos para analisar, coletamos os dados da Liberdade já que é onde se situa a região estudada do Glicério, um lugar sem planejamento, depois decidimos selecionar mais dois distritos com diferentes graus de riquezas, e por isso escolhemos a Consolação uma região nobre com planejamento urbano, e por último selecionamos também a Cidade Tiradentes por ser um distrito periférico sem planejamento urbano. Para coletar os dados nos consultamos os Mapas da desigualdade de São Paulo, decidimos usar de referência os mapas de 2016 e 2019 por conta da Agenda da ONU ter sido lançada em 2015.

Esses foram os indicadores coletados:

INDICADORES SOCIAIS 2016			
SAUDE	LIBERDADE (Glicério)	CONSOLAÇÃO (Higienópolis)	CIDADE TIRADENTES
gravidez na adolescência	10,96	3,6	19,12
idade média ao morrer	59,78	76,63	53,85
leitos hospitalares público e privado por 1000 habitantes	0,00	33,19	1,02
mortalidade infantil, menores de 1 ano em cada mil nascidos	9,62	9,59	13,48
mortalidade materna versus nascidos vivos	0	0	2,53
mortalidade por doenças do aparelho circulatório*	14,71	19,23	12,81
mortalidade por doenças do aparelho respiratório*	4,77	11,61	4,94
pré-natal insuficiente, menos de 7 consultas	26,35	10,31	25,29
unidades básicas de saúde (por 10mil habitantes)	0,398	0,00	0,50
mortalidade por aids (por 10mil habitantes)	07,95	0,346	0,595

* = a cada 10.000 óbitos

HABITAÇÃO	LIBERDADE (Glicério)	CONSOLAÇÃO (Higienópolis)	CIDADE TIRADENTES
Favelas	0,322	0	5,16

EDUCAÇÃO	LIBERDADE (Glicério)	CONSOLAÇÃO (Higienópolis)	CIDADE TIRADENTES
atendimento nas creches municipais	0,044	0,113	0,766
atendimento nas pré-escolas municipais	0,116	0,661	0,705
demanda atendida nas creches municipais	30,67%	63,64%	97,14%

VIOLÊNCIA	LIBERDADE (Glicério)	CONSOLAÇÃO (Higienópolis)	CIDADE TIRADENTES
Agressão a Mulheres	1,27	0,525	8,85

TRÂNSITO	LIBERDADE (Glicério)	CONSOLAÇÃO (Higienópolis)	CIDADE TIRADENTES
Mortes em Trânsito	0,279	0	1,05

INDICADORES SOCIAIS 2018			
VIOLÊNCIA	LIBERDADE (Glicério)	CONSOLAÇÃO (Higienópolis)	CIDADE TIRADENTES
Agressão a Mulheres	3,02	1,58	22,98

TRÂNSITO	LIBERDADE (Glicério)	CONSOLAÇÃO (Higienópolis)	CIDADE TIRADENTES
Mortes em Trânsito	5,56	3,48	2,63

INDICADORES SOCIAIS 2019			
SAUDE	LIBERDADE (Glicério)	CONSOLAÇÃO (Higienópolis)	CIDADE TIRADENTES
gravidez na adolescência	7,8	2,79	16,42
idade média ao morrer	64,7	79,43	57,31
leitos hospitalares público e privado por 1000 habitantes	2,98	27,25	0,776
mortalidade infantil, menores de 1 ano em cada mil nascidos	6,88	2,54	15,68
mortalidade materna versus nascidos vivos	0	0	5,5
mortalidade por doenças do aparelho circulatório*	17,59	18,28	14,7
mortalidade por doenças do aparelho respiratório*	8,79	7,66	5,85
pré-natal insuficiente, menos de 7 consultas	18,35	10,41	19,17
unidades básicas de saúde (por 10mil habitantes)	0,77	0	0,56
mortalidade por aids (por 10mil habitantes)	1,91	0,7	0,78
* = a cada 10.000 óbitos			
HABITAÇÃO	LIBERDADE (Glicério)	CONSOLAÇÃO (Higienópolis)	CIDADE TIRADENTES
Favelas	0,322	0	5,30
EDUCAÇÃO	LIBERDADE (Glicério)	CONSOLAÇÃO (Higienópolis)	CIDADE TIRADENTES
atendimento nas creches municipais	6,4	11,2	80
atendimento nas pré-escolas municipais	7,1	62,6	65,6
demanda atendida nas creches municipais	60,21%	97,67%	98,93%

Pode-se observar que nas regiões periféricas, com menor planejamento urbano há maior concentração de moradias inadequadas (favelas) e as taxas de qualidade de saúde são as piores. Há menos leitos hospitalares para atender a população, maior mortalidade infantil, idade adulta de falecimento mais precoce. Para as causas de morte, observa-se que a idade mais avançada da data de óbito no bairro mais central (Higienópolis) também faz com que as mortes por doenças do trato respiratório e circulatório sejam ligeiramente maiores do que nas regiões onde a morte ocorre em idade mais jovem. A gravidez na adolescência, que afasta as mulheres da escola e reduz suas oportunidades de formação e portanto de trabalho, também é maior nas regiões periféricas, o pré-natal de todas as gestantes é menos efetivo, com poucas consultas, aumentando o número de bebês mortos ao nascer. Há maior existência, demanda e uso das creches municipais se comparado com a região de Higienópolis. Percebe-se em Higienópolis que há mais leitos por habitantes, menos uso dos serviços públicos, zero existência de favelas.

5.3 Qualidade de vida dentro do Glicério

Como foi mencionado na introdução do texto nossa primeira referência e o que deu a ideia de escrever sobre a questão da qualidade de vida e o planejamento urbano foi uma dissertação que estudamos, onde havia uma pesquisa com os moradores das Vilas do Glicério, então decidimos por esses dados aqui para podermos analisá-los:

TABELA 01 – População e unidades residenciais das vilas

	Vilas / conjuntos	Pop. total residente	Nº de famílias	Unidades residenciais	Nº famílias por unidades residenciais
A	Rua Carolina Augusto	411	83	39	2,13
B	Rua Thomás de Lima	32	9	9	1,00
C	Rua Anita Ferraz	181	25	19	1,32
D	Rua dos Estudantes	62	9	4	2,25
E	Vila Suíça	438	89	36	2,47
F	T. de Lima/Estudantes	199	58	27	2,15
G	Rua Thomás de Lima	143	35	12	2,92
H	Rua Egas Muniz de Aragão	56	19	15	1,27
I	Rugero	250	59	27	2,19
J	Vila Estudantes	965	193	67	2,88
	TOTAL	2737	579	255	2,06 (média)

Fonte: Pesquisa OD/1997

TABELA 02 - Origem da população residente por região

	Vilas	N	NE	S	SE	CO	São Paulo - SP
A	Carolina Augusto	9	321	***	14	***	67
B	Rua Thomás de Lima	***	22	***	***	***	10
C	Rua Anita Ferraz	***	92	***	21	***	68
D	Rua dos Estudantes	***	***	***	***	***	62
E	Vila Suíça	15	108	18	62	15	220
F	T. de Lima/Estudantes	13	85	5	21	***	75
G	Rua Thomás de Lima	5	98	4	15	4	17
H	Rua Egas Muniz de Aragão	2	42	***	***	***	12
I	Rugero	9	102	5	36	***	98
J	Vila Estudantes	29	409	22	94	23	388
	TOTAL (vilas)	82	1279	54	263	42	1017

Fonte: pesquisa OD/1997

TABELA 03: Dados sobre a moradia nas vilas preservadas

	Local de Origem			Nº de indivíduos por família	Nº de famílias residentes no imóvel	Natureza do Imóvel			Renda (S. M.)	
	Vila	Cidade	UF			próp.	alug.	valor alug.	01 a 03	04 a 06
1	A	Garcia	MS	5	3		X	R\$90,00	X	
2	A	Divinópolis	MG	3	4		X	*		X
3	A	Taquaritinga	SP	7	2		X	*		X
4	A	Ribeirão Preto	SP	3	2		X	R\$80,00		X
5	A	Itapetinga	BA	4	3		X	R\$100,00	X	
6	A	Fernandópolis	SP	5	3		X	*		X
7	A	Propriá	SE	4	3		X	*	X	
8	A	Mombaça	CE	6	3		X	*	X	
9	A	Aracaju	SE	3	3		X	*		X
10	A	Caetité	BA	3	3		X	*	X	
11	A	Salgueiro	PE	3	3		X	*		X
12	A	Jaboatão	PE	7	3		X	*		X
13	E	São Paulo	SP	2	4		X	*	X	
14	E	Coxim	MS	8	2		X	*		X
15	E	Arcos	MG	2	2		X	*		X
16	E	Salvador	BA	2	2		X	R\$95,00	X	
17	E	Teófilo Otoni	MG	4	3		X	R\$120,00		X
18	E	Monção	MA	5	2		X	*	X	
19	E	Uruaçu	GO	5	4		X	R\$95,00	X	
20	E	Batatais	SP	2	3		X	R\$95,00		X
21	E	Oeiras	PI	3	3		X	*		X
22	E	Sousa	PB	3	2		X	R\$100,00	X	
23	E	Tauá	CE	4	2		X	R\$100,00	X	
24	E	Ponta Porã	MS	2	2		X	*		
25	E	Jacobina	BA	5	2		X	*		X
26	E	Vitória da Conquista	BA	5	2		X	*	X	
27	E	Montes Claros	MG	4	3		X	R\$100,00		X
28	E	Feira de Santana	BA	4	2		X	R\$90,00		X
29	E	Penedo	AL	6	4		X	R\$100,00	X	
30	E	São Paulo	SP	2	4		X	R\$80,00		
31	I	Juazeiro do Norte	CE	4	4		X	*	X	
32	I	Garanhuns	PE	5	4		X	*		X

Obs: a numeração da coluna esquerda refere-se às unidades residenciais analisadas junto às vilas preservadas (A, E e I) assinaladas no croqui acima

Fonte: trabalho de campo, dez/2003

TABELA 04: Relações com o lugar de moradia

Relações estabelecidas com o lugar - familiar (01)

Vila	Chegada ao Glicério				Vantagens quanto a moradia					Desvantagens quanto a moradia					Reuniões entre moradores						
	Indicação		imobil.	contr.	local	aluguel	transp.	consumo	relaç.	roubos/	com.	cons.	cons.	coleta	saneam.	carnaval	festa jun.	copa	ano novo	festa f. s.	
	amigo	familiar	loc.	trab.	barato	colet.	mercad.	vizinh.	furtos	drogas	drogas	imóvel	lixo	inundaç.							
1	A	x				1	3	2	4	5	*	2	3	5	1	4	*	*	1	2	3
2	A	x				*	2	1	3	4	*	*	1	2	3	*	*	2	1	*	3
3	A		x			4	2	*	1	3	2	*	*	*	1	*	2	1	*	*	
4	A	x				5	2	3	1	4	*	*	2	3	*	1	*	3	1	*	2
5	A		x			*	*	1	3	2	*	1	*	4	3	2	2	1	3	*	*
6	A		x			3	5	2	1	4	*	*	4	1	2	3	*	3	1	2	*
7	A		x			1	3	2	4	5	6	4	5	1	3	2	*	4	1	2	3
8	A	x				1	5	2	4	3	*	*	1	*	3	2	*	1	4	2	3
9	A	x				1	3	4	2	5	*	2	*	*	*	1	*	1	3	*	2
10	A		x			2	1	4	5	3	*	2	*	4	1	3	*	2	1	4	3
11	A	x				2	1	3	*	*	*	*	*	1	3	2	*	2	1	*	3
12	A		x			2	1	4	5	3	4	*	2	1	*	3	3	*	1	2	*
13	E		x			1	5	3	4	2	*	1	*	2	3	*	*	1	3	2	*
14	E		x			2	1	4	3	5	1	*	*	*	*	2	*	*	1	3	2
15	E		x			1	2	3	5	4	3	*	*	2	1	*	1	4	5	3	2
16	E	x				1	5	3	2	4	*	*	*	2	1	3	*	3	2	*	1
17	E	x				2	5	3	4	1	*	2	3	*	4	1	*	4	3	1	2
18	E	x				2	1	5	4	3	*	*	2	*	*	1	3	4	1	*	2
19	E	x				5	1	4	3	2	*	*	*	2	1	*	*	3	1	*	2
20	E		x			3	1	2	*	*	*	*	*	1	2	*	2	1	*	*	*
21	E		x			3	1	5	4	2	*	*	*	2	1	*	4	1	3	2	*
22	E	x				*	2	1	*	*	*	2	*	1	4	3	*	*	1	*	2
23	E		x			2	1	3	4	5	2	*	1	*	*	3	1	*	4	3	2
24	E	x				1	2	5	4	3	*	*	1	2	*	3	*	2	1	3	*
25	E		x			1	2	5	3	4	*	*	*	1	3	2	*	2	4	1	3
26	E		x			*	1	2	*	3	*	*	*	2	1	3	*	1	1	*	3
27	E	x				2	1	3	*	*	*	*	2	1	*	*	1	2	*	*	*
28	E		x			2	1	*	*	*	*	*	1	*	2	4	2	1	*	3	*
29	E		x			3	1	2	4	*	*	2	*	1	*	*	*	1	*	*	*
30	E			x	x	2	1	4	3	5	*	3	*	1	*	2	5	1	4	3	2
31	I	x				3	4	*	1	2	5	1	*	2	4	3	*	*	1	*	2
32	I	x				*	2	1	3	4	*	1	*	*	2	*	*	3	1	*	2

Os números assinalados nas colunas: *Vantagens quanto a moradia*, *Desvantagens quanto a moradia* e *Reuniões entre moradores* referem-se ao grau de importância definido pelos entrevistados.

Fonte: trabalho de campo – dez/2003

TABELA 05

Permanência (anos)	Famílias	Sem Família
Até 5	7	8
5 – 10	5	6
10 – 15	7	2
15 – 20	4	-
20 – 25	3	-
25 – 30	3	-
Mais de 30	3	-
Total	32	16

Fonte: pesquisa de campo dez / 2002

ANDRÉ LUIZ CANTON. *PRESERVAÇÃO CONTRADITÓRIA NO CENTRO DE SÃO PAULO: Degradação das Vilas Preservadas na Baixada do Glicério no contexto da renovação urbana (Operação Urbana Centro)*. 2007. 80f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, Universidade de São Paulo.

Durante o estudo dessas tabelas fizemos diversas observações:

Tabela 02:

- As vilas originais do Glicério são principalmente ocupadas por migrantes vindo majoritariamente do nordeste e do sudeste.

Tabela 03:

- Todas as vilas originais são alugadas
- O preço de aluguel varia de R\$120 a R\$80.
- Metade das famílias tem uma renda de 1 a 3 salários mínimos e a outra metade 4 a 6 salários mínimos.

Tabela 04:

- A maioria dos moradores se mudaram para o glicério por indicações de amigos e família e não por mobiliárias.
- Os vizinhos parecem ser amigáveis, como podemos ver eles se reúnem frequentemente para celebrar feriados e eventos.

Maiores vantagens do lugar:

- próximo do trabalho
- aluguel barato
- transporte coletivo
- mercado consumidor
- relação entre os vizinhos

Maiores desvantagens do lugar

- roubos e furtos
- comércio de drogas
- consumo de drogas
- construção de imóveis
- coleta de lixo
- saneamento e inundação

Tabela 05:

- Residentes que vivem lá sozinhos não permanecem por um tempo extensivo
- O Glicério é majoritariamente ocupado por famílias.

6 CONCLUSÃO

Observa-se que os indivíduos que habitam regiões sem planejamento urbano, sem quantidade adequada de hospitais, escolas, creches, lugares de moradia, sofrem diariamente os impactos dessa ausência de estrutura e recursos urbanos, reduzindo não só a qualidade de suas vidas como também até mesmo o tempo de suas vidas. Sua saúde é afetada, sua capacidade de mobilidade social é afetada, suas oportunidades para adquirir educação formal, a maneira como são obrigados a lidar com a educação de seus filhos ou a ausência dela na luta diária pela sobrevivência, morando em regiões afastadas de seus locais de trabalho e sem recursos mínimos que lhes permita uma vida com dignidade. A população afastada para as regiões periféricas além de serem prejudicadas pela própria localização de suas moradias, também moram em áreas com grande concentração de pessoas e tem que disputar os poucos recursos existentes no entorno urbano, sejam eles médicos ou educacionais. Por haver demanda sem possibilidade de atendimento, são agravadas todas as situações de risco, gravidez adolescente, natimortos, favelas, poucas vagas em creches e leitos hospitalares, baixa escolaridade e acesso à educação. É como uma armadilha sem saída de sua condição de moradia, saúde, educação. Lembrando que este morar em regiões periféricas sem atendimento também implica em morar em regiões sem postos de trabalho, portanto o indivíduo precisa atravessar longas distâncias até o seu trabalho quando ele existe. Não há tempo para estudar, se o desejasse, há pouco tempo de convivência com os filhos, deixados nas creches ou com vizinhos. Estas crianças sem acompanhamento dos pais, se vão a escola, pouca atenção e monitoria escolar recebem em casa, o que os leva a afastar-se dos estudos ou a ter que abandoná-los para exercer atividade informal de baixa remuneração. Não é dado a estes brasileiros a possibilidade - com algumas exceções de esforço individual gigantesco, de mudar a sua condição de vida, para si ou para seus descendentes

BIBLIOGRAFIA

<http://www.scielo.br/pdf/cm/v16n32/2236-9996-cm-16-32-0341.pdf>
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142011000100008
https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-30012008-115211/publico/DISSERTACAO_ANDRE_LUIS_CANTON.pdf

- <http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=154>
- <http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/jornada/paper/download/280/242>
- http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/artigo_mariana_couto_silva_shiraiwa.pdf
- http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/direito-a-moradia-adequada/cartilhas/cartilha_direito_humano_moradia_e_terra_urbana.pdf
- <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>
- <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.027/760>
- <https://www.mises.org.br/article/1254/houston-a-lenda-do-urbanismo-de-mercado->
- <https://www.youtube.com/watch?v=MIQooB1kBAk> (Manifestação dos moradores e comerciantes do bairro do Glicério, região Central de São Paulo)
- <https://www.archdaily.com.br/br/880894/o-plano-cerda-de-barcelona-de-uma-nova-perspectiva-nessa-fotografia-aerea>
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Plano_Cerd%C3%A1
- <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43967305>
- ANDRÉ LUIZ CANTON. *PRESERVAÇÃO CONTRADITÓRIA NO CENTRO DE SÃO PAULO*: Degradação das Vilas Preservadas na

Baixada do Glicério no contexto da renovação urbana (Operação Urbana Centro). 2007. 80f. Dissertação(Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, Universidade de São Paulo. Disponível em:

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-30012008-115211/publico/DISSERTACAO_ANDRE_LUIS_CANTON.pdf

- REDE NOSSA SÃO PAULO. Mapa da desigualdade 2016.São Paulo:Rede Nossa São Paulo(RNSP), 2017. 73f. Disponível em: https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Mapa_Desigualdade_2019_tabelas.pdf . Acesso em: 06/09/2020.
- REDE NOSSA SÃO PAULO. Mapa da desigualdade 2019.São Paulo:Rede Nossa São Paulo(RNSP), 2020. 59f. Disponível em: <https://www.nossasaopaulo.org.br/arqs/mapa-da-desigualdade-completo-2016.pdf?v=1> . Acesso em: 06/09/2020.
- Henri, Lefebvre, *Direito à Cidade*,5,São Paulo,2001